

ENTRE

Paula Rego | **Cruzeiro Seixas**
Um cadavre exquis

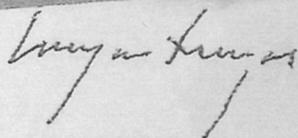
Maria João Cantinho | *O conto-parábola*
Caligrafia da Solidão

José Marinho |
Aforismos sobre o teatro e o
drama oculto

CRUZEIRO SEIXAS | *o surreal em chamás* Dossier de 50 páginas |

Poesia e pintura inéditas

entrevista
testemunhos de Cesariny,
Herberto Helder e outros



Sumário breve de Artur Manuel do Cruzeiro Seixas

Artur Manuel do Cruzeiro Seixas, pintor-poeta-escultor-viajante, nasce em Dezembro de 1920 na Amadora. Vive parte da infância e adolescência em São Pedro do Estoril; de seguida, mudança para o Lumiar com os pais.

Frequenta a António Arroio, Lisboa, escola dirigida então por Falcão Trigo, onde por volta 1937 encontra Mário Cesariny. Nos "Prolegómenos ao Aparecimento de Dadá e do Surrealismo" (*Intervenção Surrealista*, 2ª ed., 1997, pp. 17-84), Mário Cesariny avança (relativo ao ano de 1942): *Em Lisboa, José Leonel Martins Rodrigues, Fernando José Francisco, Júlio Pomar, Pedro Oom, Vespeira, Cruzeiro Seixas, Mário Cesariny, Fernando Azevedo, António Domingues, alunos da Escola António Arroio, travam conhecimento e reúnem-se no Café Hermínius, na Almirante Reis.* (p. 47).

Adesão de Mário Cesariny ao Surrealismo no ano de 1947; ruptura com Lopes-Graça e a estética deste, o Neo-realismo. Encontro de Cesariny com André Breton em Paris. Dois anos depois forma-se em Lisboa um grupo de entusiastas no Surrealismo, o *anti-grupo* d'Os Surrealistas; participação de Cruzeiro Seixas, Mário Cesariny, António Maria Lisboa, Pedro Oom, Fernando Alves dos Santos, Henrique Risques Pereira, Mário-Henrique Leiria, Carlos Eurico da Costa. Acções colectivas, primeiro, em Maio, nas conversas do Jardim Universitário de Belas Artes (Casa do Alentejo), "O Surrealismo e o seu Público em 1949", que desaguardam na edição tipográfica de *Afixação Proibida* pela *Contraponto* de Luiz Pacheco (1953), e depois, em Junho-Julho, na primeira exposição dos Surrealistas, na antiga sala do cinema Pathé-Baby, rua Augusto Rosa. Amizade estreita com Isabel Meirelles. Encontro em Paris de António Maria Lisboa e D'Assumpção. Do embate resulta impressivo e simbólico retrato de António Maria Lisboa por D'Assumpção (1949). Nada de juventude, nada de espalhafato, nada de espectáculo; só o alquimista discreto, solene, hierático, o Beltenebros magro, o irmão oculto, o Encoberto, de rosto piramidal e barba pitagórica. Nem lhe falta o burel do eremitério, entre Aprendiz e Mestre. No mesmo ano, com o mesmo selo, faz D'Assumpção retrato de Mário Cesariny (cujo original está na casa de Pascoaes). Também aí nada de rapaziadas; apenas o mago, o prestidigitador da pirâmide, o gato voador, sem lei nem rei, que escrevia nesse instante "Vida e Milagres de Pápárikán".

Cruzeiro Seixas deixa Lisboa em 1951. Diz Cesariny (na tábua acima citada): *Alistado na marinha mercante, Cruzeiro Seixas embarca entre a tripulação do paquete Rovuma e chega a Hong-Kong a 27 de Junho. Fixar-se-á em Angola, só regressando à metrópole em 1964.* (pp. 68-9) Dispersão do anti-grupo surrealista; morte de A. Maria Lisboa em 1953. Importantes actividades de Cruzeiro Seixas em Luanda (exposições de 1953 e 1957, esta última com as intervenções activas de Alfredo Margarido e José Blanc de Portugal). Mário Cesariny recolheu parte destas, sobretudo o eco delas na imprensa, em *Intervenção Surrealista* (1ª ed., 1966).

Regressa em 1964 a Lisboa. Começa a dispersão da segunda geração surrealista, dita do Gelo ou do Royal (Virgílio Martinho, João Rodrigues, Ernesto Sampaio, António José Forte, Herberto Helder, Manuel de Castro, José Sebag, José Manuel Pressler, António Barahona), único momento poético da

década de sessenta que paga o trabalho entre nós registar. Convívio com D'Assumpção, João Pinto de Figueiredo, João Vasconcelos, Ernesto Sampaio, Fernanda Alves, Luiz Pacheco, Ricarte Dácio e alguns outros. Visitas com Mário Cesariny à Casa de Pascoaes (São João de Gatão, Amarante), onde hoje existe um núcleo forte de pintura e desenhos seus. Manuel Vinhas, a quem Luiz Pacheco com gratidão alude várias vezes, e a quem Agostinho da Silva deve também mecenato, arranjou-lhe emprego manga-de-alpaca na galeria São Mamede, pouco depois da abertura desta em 1967. A consultadoria artística pertencia a José-Augusto França, que a perdeu, por via de vegetativa inacção (uma única exposição, Artur Casais, falhada de todo), a favor de Cruzeiro Seixas. Este, com o vigor que trouxera de África, onde dera com o avesso do mundo, brancos brancamente selvagens e negros delicadamente civilizados, levou depois o espaço ao momento excessivo do apogeu.

Realizou exposições de Michaux, Cesariny, D'Assumpção, Poliakov, Vieira da Silva, Paula Rego, Calvet, Eurico Gonçalves, Raul Perez, Areal, Jorge Vieira (escultura), José Pierre, Isabel Meirelles e dos grupos Cobra e Phases, este último de Édouard Jaguer, que abriu na década de 50 do século XX a pintura surrealista à participação livre, desacautelada, rompendo com aquilo que Cesariny chamava o *surrealismo-copista*.

Fecho da galeria São Mamede em 1975. Seixas vai para a Galeria da Junta do Turismo da Costa do Estoril, onde fica até 1983, realizando novo conjunto importante de exposições (Raul de Carvalho, Mário Henrique Leiria, João Vasconcelos, Josefa de Óbidos e alguns anónimos, entre eles, o mecânico de Valença que construía insectos nas horas de ócio com peças de automóvel). Ausenta-se de seguida para o Algarve, São Brás de Alportel, onde ficou até ao final da década, regressando então em definitivo à região de Lisboa, onde ainda hoje vive. No Algarve dirigiu a Galeria de Vilamoura, onde voltou a expor alguns ausentes inesperados (Júlio e Sarah Afonso).

Em 1986 publicou o seu primeiro livro, com prefácio de André Coyné, *Eu Falo em Chamas*. Entre 2002 e 2004 vieram a lume três volumes da sua *Obra Poética*, muitas centenas de poemas escritos em momentos variados da sua vida. Isabel Meirelles na mesma época traduz para a língua de Rabelais uma antologia de textos poéticos seus. Editou com Mário Cesariny em 1972 *Aforismos* de Teixeira de Pascoaes e ilustrou livros de Mário Cesariny, Mário-Henrique Leiria, António Maria Lisboa, Raul de Carvalho, António Ramos Rosa e Teixeira de Pascoaes.

A actividade pictórica de Cruzeiro Seixas, que começou na infância e prosseguiu pela vida fora, não obstante alguns pontos traumáticos que funcionam como verdadeiras nódoas negras psíquicas, ainda mais dolorosas e agónicas do que as pequenas *boutades* abjeccionistas da geração do Gelo, é talvez a que mais longe levou entre nós a exigência de beleza convulsiva, quer dizer, de transcendência e luz, que o Surrealismo pediu à actividade criadora de imagens.

Nenhum outro entre nós, surrealista ou não, parece ter comutado como ele pintura e delírio, no alto sentido que Platão deu a esta palavra no *Fedro* (bem conhecido aliás de Cesariny que o cita por próximo no "Diário da Composição" de *A Cidade Queimada*, 1965, cuja edição original tem desenhos de Cruzeiro Seixas).

António Cândido Franco